

# Os oitenta anos da vitória e a urgência de Paz hoje

JM Baptista Alves

Muito me honra estar aqui hoje nesta iniciativa, neste tempo difícil e assustador que estamos a viver, ao nível da conflitualidade e da guerra, quando se começa a ouvir falar de Paz no Conselho de Segurança das Nações Unidas e se apela *ao regresso ao seu propósito inicial de manutenção da paz e da segurança internacional, incluindo a resolução pacífica de litígios.*

Faço minhas todas as ressalvas pertinentes sobre a sinceridade destas afirmações – “quando a esmola é grande o pobre desconfia” - mas o que importa mesmo é que esta ideia-força, conquista civilizacional do nosso tempo, volte a ecoar naquele sítio de onde nunca devia ter saído.

## A Paz como valor universal.

A Paz que sonhámos e queremos para todos os povos do Mundo, na inteira medida do estabelecido no artigo 7.º da Constituição da República Portuguesa de 1976, conquista da Revolução de Abril que este ano, a 25 de Abril, completa 49 anos de vigência.

E é bom lembrar sempre e amiúde tudo quanto a CRP encerra no seu excepcional texto - obra dos constitucionalistas portugueses, eleitos nas eleições livres mais concorridas de sempre - que incorpora todas as conquistas da revolução de Abril, iniciada em 25 de Abril de 1974, e todos os ganhos civilizacionais que o Mundo foi capaz de produzir, até então, e dos quais o nosso povo foi afastado durante os 48 anos da ditadura fascista.

Vou passar, por agora, à frente, o espectáculo confrangedor dos lacaios dos fazedores de guerras e seus bufarinheiros amestrados, em completo desnorte, na certeza de que as suas capacidades miméticas os não ilibarão, no julgamento da história, das pesadas responsabilidades que lhes cabem.

**Há dez anos**, aquando da celebração do 70.º aniversário do fim da II Guerra Mundial, reuni num texto sob o tema “**A VITÓRIA DE 1945 E OS PERIGOS DE GUERRA HOJE**”, um conjunto de informações que importa, hoje, revistar, o que vou tentar fazer, ainda que de forma mais sintética.

O século XX conheceu duas Guerras Mundiais, duas enormes catástrofes com epicen-

Nos 80 ANOS da derrota do nazi-fascismo

Celebrar a vitória defender a paz

1945-2025

Sessão-Debate **SÁB 1 MAR 15h30**

NO **Clube Estefânia** (Rua Alexandre Braga 24-A, em Lisboa)

- Apresentação das comemorações dos 80 anos da vitória
- Os 80 anos da vitória e a urgência da paz hoje
- A Grande Guerra Patriótica na literatura soviética

Intervenções iniciais de **JM Baptista Alves** (coronel) e **Jayanti Dutta** (professora universitária)



Associação Portuguesa de Amizade e Cooperação Iúri Gágárin (Antiga Associação Portugal-URSS)

tro na Europa.

Para se falar da 2ª Guerra Mundial é preciso ir um pouco atrás e tentar identificar as razões que levaram ao conflito. Desde logo, a crise que se iniciou nos EUA, em Outubro de 1929, por uma crise da Bolsa e que assumiu rapidamente um carácter mundial.

Foi uma crise longa, com resultados catastróficos:

- a produção desceu aos seus mais baixo níveis, na Grã Bretanha, na Alemanha, nos EUA e em França;
- o desemprego nos EUA passou de 3,1% em 1929 para 24,7% em 1933, na Alemanha; de 5,9% para 17,2%; no RU de 5,9% para 13,1%;
- o movimento do comércio mundial desceu em valor cerca de 60% entre 1929 e 1932.

Uma outra ordem de razões, a ter em conta, prende-se com **a cobiça de territórios, mercados e fontes de matérias-primas**, dos impérios coloniais de então, pelas potências que saíram derrotadas da I Grande Guerra, como a Alemanha, ou que não beneficiaram da vitória, como a Itália e o Japão e por isso apostaram no programa militarista do fascismo e num novo conflito que simultaneamente lhes permitisse o esmagamento das reivindicações operárias e populares, num crescendo no pós I Grande Guerra.

Lembremos que, em 1936, os fascistas já haviam chegado ao poder, na Itália, Hungria, Áustria, Polónia, Roménia, Bulgária, Alemanha e Espanha... e Portugal.

Um outro facto que importa sublinhar é a provada ineficácia das políticas anti-crise adoptadas, quer ao nível das nações quer ao nível internacional, que explicam o arrastar da depressão. A produção mundial só começou a subir verdadeiramente com a corrida aos armamentos, durante o ano de 1938.

**Uma primeira nota, para chamar a vossa atenção para a presença destas causas nos dias de hoje. Ainda que a história não se repita, não as devemos ignorar, nem as causas nem as consequências. Os irresponsáveis recentes apelos à corrida aos armamentos na Europa não nos devem deixar indiferentes. Só por pura estultícia alguém pode embarcar em tal leviandade, assente que é, de ciência feita, que a única saída segura de Futuro para a Humanidade é o desarmamento geral, simultâneo e controlado, como aliás é preconizado na CRP de 1976.**

Voltando ao nosso tema e ao período que antecedeu o início da Guerra, registámos que entretanto o Japão já havia invadido a China e vários territórios do Sueste Asiático e Pacífico. A Itália já tinha juntado a Etiópia às suas colónias e ocupado a Albânia e a Grécia. A Alemanha já tinha anexado a Áustria e ocupado a Checoslováquia- na sequência do Pacto de Munique - com a conivência da França e da Grã Bretanha.

Em 1 de Setembro de 1939, a Alemanha invade a Polónia. Inicia-se então a II Guerra Mundial.

Em 27 dias o exército alemão entra em Varsóvia e obtém a rendição da Polónia.

Entusiasmado com o êxito da sua teoria da “Guerra relâmpago”, Hitler avança, ocupa a

Noruega, a Dinamarca e em 10 de Maio de 1940, lança as suas forças na ofensiva a ocidente contra a Bélgica e a Holanda, o Luxemburgo e finalmente a França.

Em Agosto e Setembro de 1940 a Grã-Bretanha é bombardeada pela aviação alemã.

Em Junho de 1941, o nazi-fascismo aponta ao seu objectivo central, a União Soviética, iniciando a invasão em duas frentes, pelo Báltico e pelo Mar Negro.

Para se ter uma ideia da dimensão das forças envolvidas neste ataque, basta lembrar que, aquando do desembarque anglo-americano na Normandia, estavam envolvidas no ataque à União Soviética 607 divisões do exército alemão, 75% da sua aviação, artilharia e tanques.

À custa de imensos sacrifícios, 20 milhões de mortos, a URSS, resistiu tenazmente ao exército invasor e foi a primeira responsável pela derrota do nazi-fascismo. A Batalha de Stalinegrado, a mais sangrenta batalha de toda a História da Humanidade, ditou a viragem da guerra. Acabou com o mito da invencibilidade do exército alemão.

Quando se dá o desembarque na Normandia, em Junho de 1944, abrindo-se finalmente a frente leste, já a URSS tinha expulsado o invasor nazi do seu território e iniciado a libertação da Europa oriental e central.

A 8 de Maio de 1945, o exército soviético força a capitulação nazi em Berlim.

Em Agosto do mesmo ano, o Japão assina a sua rendição.

Terminava assim a II Guerra Mundial, o mais brutal e sangrento conflito que a Humanidade já conheceu: morreram 50-60 milhões de pessoas e muitas outras ficaram feridas, estropiadas e traumatizadas. Milhares de localidades foram destruídas e a economia e património cultural dos países envolvidos sofreu danos incalculáveis.

E nunca será demais lembrar o maior pesadelo da Humanidade, o lançamento das bombas atómicas sobre Hiroshima, em 6 de Agosto de 1945, e Nagasaki, três dias depois, em 9 de Agosto.

A cidade de Hiroshima, com cerca de 350 mil habitantes, ficou quase totalmente destruída (90%). De imediato morreram 80 mil pessoas e, nos três dias seguintes, mais 40 mil pessoas, a que se acrescentaram efeitos terríveis das radiações na saúde dos sobreviventes.

Nagasaki, cidade com 263 mil habitantes, foi igualmente destruída. De imediato morreram 40 mil pessoas e, nos três dias seguintes mais 80 mil pessoas.

**Uma segunda nota – a destruição destas duas cidades, quando o Japão já estava militarmente derrotado, ao que hoje sabemos, obedeceu a critérios de escolha que muito abalam as nossas crenças na espécie humana: eram duas cidades com a dimensão adequada, em termos de população residente e que não tinham sido alvo de qualquer destruição pela guerra e, assim, proporcionariam medir com exactidão os terríveis efeitos da arma atómica.**

Face a toda esta imensa tragédia, em Outubro de 1945 é constituída a Organização das Nações Unidas (ONU), criada com o objectivo de prevenir outro conflito internacional.

Integrada inicialmente por 53 países, tem actualmente 193 membros efectivos. A manutenção da paz, a solução pacífica dos conflitos, a igualdade entre nações, sejam elas grandes ou pequenas, e a promoção do progresso social tornam-se elementos centrais das relações entre países.

Por tudo isto, estamos aqui hoje, nos oitenta anos da derrota do nazi-fascismo, a celebrar a vitória, a defender a Paz.

**Sobre a urgência de Paz hoje, já aqui, na comemoração dos oitenta anos da Batalha de Stalinegrado**, afirmei que cedo foram esquecidos os princípios da Carta das Nações Unidas e a sua principal mensagem: preservar a humanidade do flagelo da guerra.

Sustentados no poderio económico com que saíram do conflito e no monopólio da arma atómica, os EUA (juntamente com a Grã Bretanha), logo em 1949, rompem a grande aliança vencedora da II Grande Guerra e reforçam a sua presença militar na Europa e no Oriente.

Em 1949 é constituída a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN/NATO)

O Pacto de Varsóvia, aliança militar entre a União Soviética e outros países do leste europeu, é criado em 1955.

A procura do equilíbrio militar e estratégico entre os dois blocos conduziu a uma desenfreada corrida aos armamentos, em particular o armamento nuclear, colocando o Mundo perante uma ameaça permanente de destruição total.

Este período foi marcado por vários conflitos armados, dos quais os mais mortíferos, foram a **Guerra da Coreia**, iniciada em 25 de Junho de 1950, e a **Guerra do Vietname**, iniciada em 30 de Abril de 1955.

Em 1962, o Mundo ficou à beira de uma confrontação nuclear entre os EUA e a União Soviética, em consequência da instalação em Cuba, por parte da União Soviética, de sistemas de lançamento de mísseis balísticos, em resposta à instalação por parte dos EUA do mesmo tipo de armamento na Turquia e em Itália.

Funcionou a dissuasão mútua. O Mundo respirou de alívio e a vida ganhou,... num jogo de **equilíbrio do terror** que persiste até aos dias de hoje.

Viveram-se então tempos de desanuviamento bem espelhados na assinatura do Tratado de Não Proliferação das Armas Nucleares (TNT), em 1968, e da Acta Final da Conferência Sobre Segurança e Cooperação na Europa, em Helsínquia, em 1975.

Em 1989, com o **fim da Guerra Fria**, a situação geo-estratégica global sofre uma alteração completa.

O desmantelamento da URSS e a dissolução do Pacto de Varsóvia marcam o início de um novo período.

Os vencedores da “Guerra Fria”, ao invés de, como seria expectável, procederem à dissolução da NATO, consideram estarem criadas as condições para se lançarem à conquista do Mundo e, de forma programada e determinada, estendem o seu poderio, agora sem adversário, vencendo a resistência daqueles que não se submetem aos seus interesses.

São muitos os países alvo de todo o tipo de ingerências e mesmo de guerras de agres-

são, como são exemplo **o desmantelamento da Jugoslávia e os ataques à Sérvia, ao Afeganistão, ao Iraque e à Líbia.**

Entretanto o Mundo foi mudando, a Federação Russa recuperou do abalo sofrido com a dissolução da URSS e emergiram outros pólos de poder económico e militar, dispostos a disputar a hegemonia do poder global único.

E é neste novo contexto que se vêm desenvolvendo os conflitos do Médio Oriente e na Europa, em particular com a **guerra na Ucrânia.**

\* \* \*

Vale a pena, agora, revisitar o que registámos no **texto escrito há dez anos a esta parte**, já referido atrás:

*O processo que começou com um golpe de Estado violento, apoiado pelos EUA e pela UE, em vergonhosa aliança com os neonazis, contra o presidente eleito da Ucrânia, passa por uma autêntica declaração de guerra à Rússia em Dezembro de 2014, pelo Congresso dos Estados Unidos, Resolução 758, e por uma maciça campanha de propaganda pelos EUA e UE sobre a “pressão russa”, “expansionismo russo” e a “ameaça russa contra a segurança do Ocidente” e pela diabolização de Putin.*

*Já vimos este “filme” várias vezes, esta mesma tática em que os media (instrumentos que são nas mãos dos belicistas e dos senhores do dinheiro) preparam as condições psicológicas para a guerra acontecer. Já presenciámos as consequências trágicas, mesmo catastróficas, das guerras de agressão a que deram lugar: na Jugoslávia, no Afeganistão, no Iraque, na Líbia e na Síria.*

*Os belicistas imperialistas procuram a todo o custo levar a NATO à fronteira da Rússia, desintegrar a Federação Russa e consolidar o domínio total dos EUA no Mundo.*

*Barack Obama, cedendo às pressões dos poderosos “lobbies” do “petróleo” e da indústria do armamento e dos sectores mais retrógrados da sociedade norte-americana, anunciou já que pondera o envio de armas “letais” para a Ucrânia (o que é que isto significa?).*

*Em recente visita a Portugal, o Secretário-geral da NATO, o norueguês Jens Stoltenberg, afirmou: “Enfrentamos uma situação difícil, a Rússia a usar a força militar, como o fez na Ucrânia, o que requer uma firme e forte resposta da NATO”.*

*Uma certeza temos, de experiência vivida noutras paragens do planeta: em toda esta estratégia belicista o que está em causa é o domínio e a rapina das riquezas e reservas naturais de matérias-primas, o controlo dos corredores dos gasodutos da Rússia para a Europa, das reservas petrolíferas do Mar Negro e, no horizonte, também as imensas reservas naturais do Ártico.*

**Uma terceira nota: isto, que acabei de ler, foi escrito em 2015 e são factos indesmentíveis que os trapalhões de serviço nos meios de comunicação dominante e dominados tentam apagar. Como tentam apagar as negociações de cessar-fogo e os acordos de Minsk que, a serem cumpridos, teriam evitado toda esta destruição e morte que se abateu sobre o povo ucraniano e o povo russo. Sabemos agora, pela**

**insuspeita voz da Sr<sup>a</sup> Merkel, insuspeita neste particular, que a intenção do “dito ocidente” era mesmo e tão só ganhar tempo para armar a Ucrânia: O dito ocidente, leia-se UE e seus vassallos, forneceriam as armas e o apoio logístico e a Ucrânia - a “carne para canhão”, e a guerra era para continuar.**

Entretanto o cessar-fogo foi sucessivamente violado, por militares às ordens de Kiev e mercenários do Batalhão Azov, até que, em Fevereiro de 2022, o exército russo dá início à denominada operação militar especial que no terreno foi assumindo dia após dia as proporções de uma confrontação directa com o exército ucraniano, apoiado este pelos EUA e seus aliados da NATO.

Uma poderosa “cruzada” contra a Rússia se desenvolve então nos países alinhados com esta onda belicista, tentando apagar todo o historial de perigosos malabarismos políticos e “vender” aos mais incautos a narrativa da invasão russa iniciada em 2022.

Mandaria o mais elementar bom senso, algum respeito pelos cidadãos, tanto mais quanto neste conflito se envolvem potências nucleares.

A Federação Russa é uma potência nuclear, com um potencial de destruição equivalente ao dos EUA, que é hoje incomensuravelmente superior ao existente no tempo da II guerra Mundial.

É impensável, a não ser por insanidade mental, a possibilidade de uma confrontação directa entre as duas superpotências militares.

Cenários de uma possível II Guerra Fria, num Mundo multipolar são, a meu ver, pouco prováveis e, embora satisfaçam a gula dos potentados da indústria do armamento, os povos do planeta não vão querer continuar a viver indefinidamente em função de equilíbrios do terror.

É tempo de voltarmos aos princípios da Carta das Nações Unidas

É tempo de novo desanuviamento e de se voltar a falar de Paz e desarmamento em todos os cantos da Terra.

1/3/2025